



A Internet enquanto ferramenta de exercício da cidadania – um desafio para os movimentos sociais¹

Tatiane Dias PIMENTEL²
Universidade Federal de Goiás, Goiás, GO

RESUMO

A Internet apresenta-se, no momento, como um dos meios que melhor possibilita a democratização da comunicação. É plural, mutimídia, multilingüística, de baixo custo e independe de controle estatal para o seu uso. Nesse aspecto o sujeito social, organizado ou não em movimentos, tem buscado na rede espaços para exercer e lutar por sua cidadania. A questão é: essa cibercidadania tem promovido resultados práticos do ambiente virtual para o real?

PALAVRAS-CHAVE: Internet; cidadania; sujeito; movimentos sociais.

Introdução

A informação e a comunicação sempre foram elementos primordiais na evolução e revoluções pelas quais o mundo passou e ainda passa. Se foram transformações lentas ou rápidas não é a questão central do debate que aqui se pretende travar. O importante é que a grande maioria delas foi embalada pelo poder que a comunicação assumiu no cotidiano das pessoas.

Do surgimento da imprensa de Gutenberg à Internet, a sociedade vem passando por uma série de acontecimentos que possibilitou uma grande mudança de sentido no existir do sujeito, em especial daqueles que compõem as camadas sociais mais pobres. De um estado de coisas em que o acesso à informação era garantido a uma minoria privilegiada, passamos a um tempo em que a circulação de bens simbólicos deu sentido ao que hoje se chama sociedade da informação.

O que pretendo nesse artigo é refletir, em meio à avalanche de informações e meios para sua difusão, sobre o papel que a Internet vem cumprindo nesse cenário. Sem desprezar os aspectos econômicos que envolveram essas transformações, mas centrando foco no avanço tecnológico, em destaque as novas tecnologias da comunicação (NTCs),

¹ Trabalho apresentado na Sessão Cibercultura e Tecnologias da Comunicação, da Altercom – Jornada de Inovações Midiáticas e Alternativas Experimentais, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Curso de Jornalismo da UFG, Especialista em Filosofia Política pela Universidade Católica de Goiás, email: pimenteltatiane@ig.com.br.



trato a Internet como um poderoso instrumento de comunicação e exercício de cidadania para o sujeito social e político, organizado ou não em movimentos sociais.

A Internet

É lugar-comum dizer que a Internet foi criada com fins militares. Mas é importante lembrar esse fato como um norteador para se compreender a capacidade que a sociedade tem de transformar a natureza dos objetos que caem em suas mãos. Depois de construída pelos militares e chegar à sociedade civil, durante muitos anos, a rede mundial foi privilégio de uma pequena elite intelectual (os pesquisadores das universidades). Mas depois que ela se “popularizou”, seu caráter mudou de forma extraordinária. Deixou de ser um espaço somente para a comunicação institucional e interpessoal para se tornar um imenso e infinito banco de dados. Um universo para a circulação de notícias, informações e idéias de toda natureza.

Digo popularizou entre aspas porque não se pode fugir à realidade de que ainda há muito que a palavra possa ser utilizada em todo o seu sentido para relacioná-la à Internet. Em termos de Brasil, de acordo com uma pesquisa do Ibope feita em 2007, são mais de 39 milhões de usuários da rede com idades superior a 16 anos. Para termos uma idéia do que isso significa, a internet conta hoje com **1,407,724,920** bilhões de usuários em todo o mundo. Isso corresponde a mais de 20% da população mundial, segundo dados do *Internet World Stats*, atualizados em 01 de julho de 2008.

Ainda é pouco, principalmente porque a grande maioria desses usuários são pessoas de classe média. Apesar do cenário, a Internet não perdeu o potencial transformador das relações inter-sujeitos, nem deixou de se apresentar como um instrumento facilitador de acesso e de produção de informação.

O novo sujeito político

Há aproximadamente sete meses, um americano que atende pelo nome fictício Guy Ritchie iniciou uma corrida rumo às páginas da Revista Forbes com o objetivo de figurar na capa do periódico, até 2009, como o mais novo bilionário do mundo. A Forbes é a responsável pelo ranking anual dos 500 homens mais ricos do planeta. Esta busca pelo bilhão nada teria de extraordinário se ele não fosse um mendigo.

Morador das ruas de Nova York, Guy Ritchie abriu uma campanha mundial pedindo doações em dinheiro para alcançar o feito. Como? Através da internet. Com a ajuda de softwares gratuitos disponíveis na rede, Ritchie criou um site –



www.bumllionaire.com onde pede aos internautas doações de qualquer valor. Ao convidar os internautas para o ajudarem na corrida pelo bilhão, o mendigo usa a ironia como marketing dizendo ser uma oportunidade para colocar um “verdadeiro vagabundo” na lista da Forbes.

“This website gives you the chance to put a real Bum on next Forbes Richest People List only with a little help of the Internet. According to the Internet World Stats website we’re already 1 Billion online users. If we can have each one to give 1 single dollar we can see Mr. Guy Ritchie - a real Bum - on next year’s Forbes Magazine Billionaires List...”

Faltando pouco mais de 180 dias para o final de sua campanha, Mr. Ritchie arrecadou quase 800 dólares. Pouco ou muito, a verdade é que ele chamou a atenção e tem milhares de fãs no mundo todo.

Independente de Guy Richie conseguir ou não ser o próximo bilionário a figurar na capa da Revista Forbes, a façanha do mendigo é convite à reflexão sobre o impacto que as novas tecnologias da comunicação, em especial a Internet, têm sobre o cotidiano das pessoas. E, principalmente, nos faz analisar as possibilidades que a rede abriu e abre todos os dias para que diferentes sujeitos dela façam uso, seja para se informar seja para manifestar-se.

Da década de 1990 em diante, o sujeito social vive em um mundo onde palavras como globalização, interatividade, conexão são parte de seu cotidiano ao ponto de não se perceber mais o limiar entre o mundo real e o virtual. E a Internet vem avançando e se apresenta hoje como um dos meios de comunicação que mais se aproxima da possibilidade de democratização do acesso às mídias. Por seu caráter plural, multimídia, multilingüístico e, até o momento, livre (ainda não existem mecanismos eficientes de controle de seu conteúdo) ela permite que qualquer indivíduo ou coletividade dela faça uso de forma direta e sem que seja necessário um intermediário.

O uso dos meios técnicos alterou as condições espaço-temporais da comunicação, mudando também as condições de exercício do poder e de vivência simbólica. Na sociedade da informação, o sujeito experimenta um alargamento de possibilidades. Sua vida é continuamente transformada e influenciada de forma peculiar pelo avanço dos meios de comunicação sobre suas relações cotidianas e tradicionais, simbólicas.



O rádio, a televisão e o telefone foram os primeiros meios de comunicação a garantir uma desterritorialização ao sujeito. No mundo globalizado, as mídias funcionam em rede transmitindo uma infinidade de informações que não dizem mais respeito somente às realidades locais. O local e o global quase se confundem no universo comunicacional permitindo trocas para além das fronteiras nacionais. Trocas que permitiram e ainda permitem a muitas culturas se fortalecerem, mas que também reforçam a indiferença. Todos passam a fazer parte de uma grande nuvem de informações dispersas e pasteurizadas, controladas e pautadas pelos interesses hegemônicos.

Com a chegada da Internet a maneira e a condição dessas trocas são modificadas. Diferente dos outros meios que são regulados e passíveis de controle pelo Estado, a Internet é descentralizada. As trocas podem ocorrer a partir de qualquer ponto com qualquer outro ponto do planeta sem que haja qualquer tipo de controle sobre os conteúdos que trafegam na esfera cibernética. Pela internet pode-se ter acesso a vastos estoques de informação que ao serem acessados podem ser modificados e retransmitidos (POSTER, 2005).

O real e o virtual

A Internet mostra-se com grande potencial de se tornar o principal e talvez o único meio de comunicação capaz de penetrar no interior das relações inter-sujeitos e trazer para a tona experiências individuais ou coletivas.

As experimentações de outras possibilidades de vida favorecem uma capacidade de transposição para uma realidade paralela criada a partir do contato que estabelece com modos de vida diversos. Manuel Castells (2005) exalta que “a Internet é o tecido de nossas vidas nesse momento. Não é futuro. É presente. Internet é um meio para tudo que interage com o conjunto da sociedade”.

É um novo mundo que se abre diante de nossos olhos, e dentro desse novo mundo, a Internet se coloca como importante ferramenta de trocas simbólicas e exercício da cidadania. É um mundo que não foge ao real, mas que transforma o sujeito que se propõe a desbravá-lo em “*netizen*”³, abrindo novas possibilidades de

³ Mark Poster (2005) utiliza o termo *netizen* para definir o cidadão na Internet: “Em contraste com o cidadão da nação, o nome muitas vezes dado ao sujeito político constituído no ciberespaço é ‘*netizen*’ (net + citizen) ou net-cidadão. Net-cidadão pode ser um termo apenas parcial porque ninguém vive permanentemente na Internet [...]. Mas o net-cidadão pode ser a figura formativa num novo tipo de relação política [...]”



exercício de sua própria cidadania e de outras cidadanias dentro de um ambiente social virtual, que reflete não só uma realidade abstrata, mas também o mundo concreto. Onde o material e o não palpável convivem simultaneamente.

No ciberespaço forma-se uma sociedade em rede em que as limitações geográficas são rompidas garantindo um número infinito de trocas simbólicas. Trocas que provocam na sociedade uma verdadeira ebulição de sujeitos sociais e políticos, que a partir de suas realidades locais nascem para o mundo global do ciberespaço.

Esses sujeitos, que antes pareciam inexistentes na esfera política, social e cultural se apresentam agora, graças a estas novas possibilidades asseguradas pela Internet, com muito vigor ou ironia ou mesmo fundamentalismos. E podem estar ou não organizados em movimentos. Muitos desses sujeitos se juntam na defesa de interesses comuns dentro apenas da Internet comentando notícias, através de blogs ou enviando e-mails para amigos.

O mendigo americano é um exemplo desse sujeito que vivia à margem e que agora se coloca como um cidadão capaz de gritar ao mundo a sua condição de excluído de seus direitos e ainda de promover movimentos, mesmo que individuais, a ser favor. Pois, tentar tornar-se um bilionário com doações via internet não é uma brincadeira de um desocupado, mas um grito contra a sua condição social de mendigo. A Internet tornou-se uma ferramenta para os movimentos contra-hegemônicos façam suas reivindicações e suas lutas.

Outros exemplos de movimentos surgidos na internet foram a luta pela criação de uma legislação que proteja a Amazônia. Ainda no Brasil, o site transparência Brasil se tornou um ícone de luta contra a corrupção no congresso Nacional.

Na década de 1990, o caso entre o presidente americano Bill Clinton e a estagiária Mônica Lewinsky não teria ganhado as páginas dos jornais e a televisão se não fosse Matt Drudge ter enviado por seu site o conteúdo das conversas telefônicas gravadas pela amiga de Lewinsky, Linda Tripp sobre o envolvimento.

Este último caso não tem qualquer envolvimento com algum movimento social ou indica um posicionamento de luta por cidadania. Mas reflete justamente o aspecto plural e interativo que torna a Internet uma ferramenta tão eficiente de manifestação do sujeito social. É a sua possibilidade de trocas e a sua multiplicidade de linguagem.

Internet x mídia tradicional

Essa infinidade de possibilidades, essa multiplicidade não significam que o sujeito social e político vá se diluir, perder sua identidade dentro da imensidão do ciberespaço. Ao contrário, as diferenças entre eles são formas de reconhecimento e respeito.

No contexto da sociedade da informação, as novas tecnologias da comunicação criam uma nova configuração social em que indivíduos e coletividades rompem a lógica fechada da mídia tradicional e se tornam parte ativa da construção da informação que circula na sociedade, em especial no ambiente da web.

A verdade, é que a despeito de todas as tentativas de controle desse meio e de exploração por parte da grande mídia, hoje, a Internet possibilita um uso mais democrático. Grandes empresas de mídia como a Globo e sites de busca como o Google, tentam dominar o espaço virtual e criar no imaginário dos usuários a idéia de que representam o que há de melhor na web. Mas já é possível perceber que é a grande mídia que está sendo obrigada a mudar, mesmo que timidamente, o perfil de seus produtos jornalísticos ou de entretenimento para atender às exigências de sua audiência. O usuários da rede apresenta uma tendência de tornar-se cada dia menos suscetível à manipulações e por ter tantas opções disponíveis na tela do computador não se prende fácil a telas que não lhe despertem grande interesse. Existe ainda outro aspecto: a informação que é suprimida no jornal local, certamente será contada ou já estava disponível on line em algum blog, sala de bate-papo ou site.

Apesar dessas tentativas de se tornarem mais próximas das expectativas da audiência, as mídias tradicionais mostram-se cada dia mais distante de uma expectativa de democratização do acesso à informação. Pelo seu modelo de exploração como mercado de lucro, assumido com mais ênfase na sociedade moderna, além de um alto controle econômico e político, o acesso do cidadão a jornais, revistas e a televisão, enquanto agente ativo na escolha dos conteúdos e, principalmente, como ator desses conteúdos é praticamente inexistente em termos reais.

Mesmo naqueles meios onde existem as figuras dos ouvidores ou aqueles que tentam transparecer maior liberdade de conteúdo, a realidade do sujeito social e político é retratada como algo extraordinário ou adverso daquilo que é o seu cotidiano. E quase sempre não lhe é facultado o direito de expressão, é apenas transmitido o que os meios traduzem que seja a expressão desse sujeito.



Na história recente, as rádios comunitárias estão entre as primeiras mídias a serem exploradas coletivamente, em especial pelos movimentos sociais populares e a oferecer a interatividade, a participação⁴. Eram poderosos instrumentos para a socialização de informações, mobilizações e organização das pessoas em torno dos movimentos ou de soluções para problemas vividos por uma determinada comunidade (PERUZZO, 2004).

Mas as rádios comunitárias, em função da limitação de alcance (frequência), permitiam aos movimentos atingir número determinado de pessoas. Portanto, sua mensagem quase sempre era restrita às comunidades de seu entorno.

A Internet, ao contrário, é ampla e irrestrita. Seu alcance é global e não há limite para a quantidade de mensagens que se pode trafegar através de seus bits. Mesmo que encontre barreiras como a língua, a mensagem está ali, “acessível e acessável” (MORAES, 2000). Não há censura e não depende de concessão pública para funcionar, como no caso do rádio. Na verdade, não há até o momento, nenhum meio de comunicação que faça frente a essa poderosa mídia que é a Internet.

Portanto, os sujeitos e/ou movimentos sociais têm feito da Internet um instrumento de divulgação de suas lutas e de exercício de cidadania. Não uma cibercidadania apenas, parafraseando Pierre Lévy (2005). Mas uma cidadania real e factível. Nascida da necessidade real do sujeito de ser cidadão e que, ao buscar romper com as barreiras das mídias tradicionais, encontra na Internet portas abertas para manifestar-se enquanto parte de um todo social e político. Pois, “não resta dúvidas de que não é possível habitar no mundo sem algum tipo de ‘ancoragem territorial’, de inserção no local, já que é no lugar, no território que se desenrola a corporeidade da vida cotidiana” (BARBERO, 2005).

Revolução ou mudança de consciência?

Não há aqui a intenção de descrever a web como a redentora dos pobres e dos excluídos. Como já foi dito, a Internet não foi criada com objetivos democráticos e nem tem como característica predominante ser um espaço de exercício de uma vida cidadã. Muniz Sodré (2002) adverte que “as transformações tecnológicas da informação mostram-se francamente conservadoras das velhas estruturas de poder,

⁴ Cílicia Peruzzo (2004) afirma que “nas condições do Brasil e de outros países latino-americanos, onde os povos não têm tradição nesses sentidos, aliado à reprodução de valores autoritários, à falta de consciência política a outros fatores, pretender alcançar um grau de participação mais elevado é de difícil concretização.”



embora possam aqui e ali agilizar o que dentro dos parâmetros liberais, se chama de ‘democratização’”. Portanto, combate expressivamente a expressão Revolução da Informação.

Deste modo, não significa que estamos à beira de uma grande revolução cultural e política com sua nascente brotando no ambiente virtual. O que brota da virtualidade e firma-se cada dia com mais ênfase na realidade, são sujeitos sociais e políticos desapegados das estruturas dos governos, mas não desligados de suas realidades locais, capazes de retomar a luta para construir sua cidadania. Sujeitos que estão ampliando e até trocando as manifestações nas praças públicas pela panfletagem e mobilizações virtuais.

O que significa que mesmo dentro da lógica neoliberal e elitista, a Internet mostra-se com grande potencial. Não se pode negar que o sujeito social, antes à margem do acesso aos meios de comunicação tradicionais, se torna cada dia mais hábil na arte de criar caminhos alternativos que lhe possibilitem o acesso a informação e, melhor, o uso da Internet como ferramenta de uma vida cidadã.

Esse sujeito passa a coexistir num universo global, levando para o ambiente da rede mundial o seu modo de vida, suas lutas, suas angústias e suas experiências. Compartilha, aprende e ensina que são possíveis modos de vida em que a diversidade não seja tratada apenas como algo extraordinário. É no ciberespaço que tem encontrado formas reais de exercer sua autonomia e liberdade. Nesse ambiente virtual busca incessantemente formas de garantir sua cidadania, seja através da difusão e preservação de seus valores simbólicos seja pela busca de se inserir no local e no global como sujeito social e político.

A internet e os movimentos sociais

E se esses sujeitos estão inseridos em movimentos sociais, a capacidade de criar elementos que garantam o exercício de sua cidadania se amplia. Como afirma Cicilia Peruzzo (2000), os movimentos sociais populares representam estruturas capazes de promover a contestação e ainda de criar um duplo poder.

Ao analisar a participação (2000) dos movimentos sociais no ciberespaço, Denis Moraes salienta que a Internet “favorece processos tecnocomunicacionais de participação política, que não se confundem com práticas arraigadas de exercício concentrado de poderes.” Na Internet as relações ocorrem de forma horizontal e



plural. Não há limites e nem barreiras. Se um jornal deixa de publicar uma informação considerada pertinente, o movimento a divulga em seu site.

Mas além das informações gerais e das notícias que os movimentos sociais consideram relevantes para as suas lutas e divulgam em seus sites. Muitos deles têm utilizado a Internet para comunicarem entre si. Com uma tecnologia muito barata e muitas vezes gratuita, como no caso dos e-mails, os movimentos têm dialogado com o globo através das infovias. As conferências virtuais se tornaram uma maneira prática, rápida e barata para se discutir políticas e resolver problemas diversos.

Os efeitos das lutas virtuais sobre o mundo concreto

Diante de todos esses fatos, o que se pergunta nesse momento é se essas lutas têm reverberado do espaço virtual para o real? Esses sujeitos sociais, organizados ou não em movimentos, têm conseguido efeitos práticos de suas reivindicações no mundo concreto?

De fato alguns movimentos com nível alto de organização e que já dominavam algumas técnicas comunicacionais conseguem utilizar a Internet de maneira prática e eficiente. Mas ainda há muitos outros que ainda não se atentaram para o poder que essa nova mídia assume na sociedade ou não criaram as possibilidades para explorá-la.

Como exemplo desse contraste, cito dois movimentos sociais populares rurais que mantêm sites na rede. O Movimento Sem Terra (MST) apresenta um site dinâmico, com notícias atualizadas, espaço para interagir-se com usuários da rede, com pessoas de dentro e fora do movimento. Faz a panfletagem característica dos movimentos de esquerda, sem desprezar as técnicas de redação jornalística para comunicar ao conjunto da sociedade suas ações.

O Movimento Terra Trabalho e Liberdade (MTL), segundo maior do Brasil, faz um uso ainda incipiente do site como mecanismo de interação social. Seu site apresenta poucas atualizações e os textos, pela característica da linguagem empregada, são predominantemente direcionados ao público interno. No entanto, aproveitam do espaço virtual para fazer conferências entre seus membros, mantendo uma comunicação periódica com militantes e coordenando suas ações em todo o país.

Sylvia Moretzsohn, no artigo *Jornalismo cidadão: o mito da redenção pela tecnologia* já dizia que as novas tecnologias da comunicação não irão sozinhas promover mudanças nas relações sociais:

Pelo contrário, e como a própria experiência do rádio o demonstra, são as relações sociais, a luta política, os conflitos e contradições historicamente determinados que vão conformar a utilização dessa tecnologia. Fora da superação da sociedade burguesa, as promessas revolucionárias do rádio viram-se confinadas a movimentos periféricos de contestação, e a nova tecnologia enquadrou-se nos parâmetros da grande indústria de comunicação que então se formava. O mesmo vale para as promessas da internet, cujo potencial mobilizador depende da articulação a projetos políticos (...).

Os dois movimentos sociais em questão possuem sólida referência social nesse campo de luta. Com opiniões positivas ou contrárias às suas atuações não há dúvidas de que ambos se firmaram como instrumentos de luta pela reforma agrária no país. No entanto, ao fazer uma primeira análise dos conteúdos disponíveis em ambiente virtual é possível perceber que seus sites não representam o elo principal de ligação e comunicação entre o movimento e o conjunto da sociedade. Notadamente o site do MST é o que mais se aproxima dessa possibilidade, pois abre espaço na sessão Mural para manifestações genéricas. Mas os textos disponíveis são de militantes, simpatizantes ou pessoas contrárias aos sem terra. Não se encontra ou não está acessível mensagem que contenha denúncia ou pedido de intervenção do movimento em alguma região do país.

Na tentativa de identificar exemplos mais concretos de participação da sociedade nos espaços abertos por esses organismos na web, naveguei pelo site do Movimento das Donas de Casa e Consumidores do Estado de Goiás (www.mdcmundi.org.br). Além de notícias sobre ações do movimento e informações sobre cursos, há no menu principal, como em todo e qualquer site da web, o item Contato e no final da página um quase imperceptível convite para que interessados filiem-se ao movimento.

Considerações finais

De caráter empírico, esses breves estudos levam à conclusão de que ainda há muito que se explorar na rede para que esses movimentos se firmem como referência também no espaço virtual. Por ora, as conexões mais visíveis e factíveis parecem ocorrer mais frequentemente entre os próprios movimentos, através de suas redes ou



individualmente, através dos blogs, páginas pessoais ou mesmo em sites da grande imprensa.

Portanto, não se pode ter a ilusão de que a Internet por si só garantirá a realização de um exercício mais amplo da cidadania. O uso desse meio exige que haja também articulação política e o desejo de utilizá-la nesse sentido como sinalizam os movimentos sociais.

Pois o que se tem em mãos são “potencialidades no âmbito virtual, fundadas em práticas comunicacionais interativas, descentralizadas e não submetidas aos mecanismos habituais de seleção e hierarquização adotados pela grande mídia” (MORAES, 2000). Após 10 anos da expansão da Internet no Brasil, ainda é incipiente na Internet movimentos que utilizem desse espaço para fazer uma articulação coletiva do conjunto da sociedade civil no sentido da construção da cidadania.

O que se perceber é que essas articulações ainda são feitas de forma muito particular, entre membros das entidades. Expressar com liberdade o pensamento ou a ideologia que defendem é apenas um aspecto da cidadania. Ainda há muito que se fazer para chegar ao ideal de uma construção coletiva da vida cidadã mediada no ambiente virtual para que se possa afirmar de forma irrefutável que a Internet é instrumentalizada como esse novo campo de lutas.

REFERÊNCIAS

- CASTELLS, M. **Internet e sociedade em rede**. In: MORAES, D. (Org.). Por uma outra comunicação. Tradução de Eliana Aguiar. 3ª Ed. – Rio de Janeiro. Record, 2005. p. 255-287.
- LÉVY, P. **Pela ciberdemocracia**. In: MORAES, D. (Org.). Por uma outra comunicação. Tradução de Eliana Aguiar. 3ª Ed. – Rio de Janeiro. Record, 2005. p. 367-384.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Globalização comunicacional e transformação cultural**. In: MORAES, D. (Org.). Por uma outra comunicação. Tradução de Eliana Aguiar. 3ª Ed. – Rio de Janeiro. Record, 2005. p. 57-86.
- POSTER, M. **Cidadania, mídia digital e globalização**. In: MORAES, D. (Org.). Por uma outra comunicação. Tradução de Maria Beatriz Medina. 3ª Ed. – Rio de Janeiro. Record, 2005. p. 317-336.
- RAMONET, I. **A Tirania da Comunicação**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 3ª Ed. – Petrópolis, RJ. Vozes, 2004.



SODRÉ, M. **Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.** 2ª Ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2002.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão de tradução Leonardo Avritzer. 8ª Ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 1998.

PERUZZO, Círcia M. K. **Comunicação nos Movimentos Populares – A participação na construção da cidadania.** 3ª Ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-Modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª E. Rio de Janeiro, RJ. DP&A, 2006.

MORETZSOHN, S. **Jornalismo cidadão: o mito da redenção pela tecnologia.** Disponível em http://www.jsfaro.pro.br/downloads/artigo_sylvia.pdf. Acesso em: 04/04/08.

MORAES, D. **Comunicação virtual e cidadania: movimentos sociais e políticos na Internet.** Disponível em <http://ojs.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewFile/759/545>. Acesso em: 25/06/08.

INTERNET WORLD STATS – USAGE AND POPULATION STATISTICS. Internet usage statistics - The Internet Big Picture World Internet Users and Population Stats. Disponível em: <http://www.internetworldstats.com/stats.htm>. Acesso em: 03/07/08